

## *La rencontre*

Aos efeitos de entrar no detalhamento da temática proposta neste colóquio, cabe antepor o recurso à periodização das noções nas obras abertas<sup>1</sup> de Freud e de Lacan, aos efeitos de advertir as diferenças sobrevindas em diversas conjunturas de um ensinamento; às vezes algo se sustenta e outras, não. Diríamos que periodizar é tomar os conceitos relacionados – isso supõe que há elementos comuns– ligados logicamente numa trama, em certos momentos desse percurso. Pode-se deduzir que há um limite manifesto e ali se marca uma variabilidade a esse respeito, com vistas a poder dar conta que o efeito de certos cortes não implica em iluminismo algum nem em um modo de progresso racionalista. Convém reiterar, esses cortes epistemológicos<sup>2</sup> demarcam uma fronteira, e daí em diante começa certo campo nocional e uma práxis correspondente, e para trás fica outra. Dito de outro modo: indicam que se há um avanço é porque há uma perda. Ou seja, há o que não é negociável para os psicanalistas: a castração<sup>3</sup>.

Observe-se, por exemplo, que no ensinamento do assim considerado primeiro Lacan, é apresentado um par de antônimos, *encontrar-buscar*, que depois será desalojado por um de seus termos: **encontro**, especificamente na sua eficiência real, na sua dimensão de acaso como causa, a *tujé*. Como sabemos, esse novo conceito implica o não planejado, nem pautado, nem previsto. Em seus termos, fala do dado como ao acaso sendo causa, enquanto faz a uma particular determinação do psiquismo; é dizer que se trata de um encontro com pontas de Real. Dito assim, enquanto subverte “a realidade” se acha para além desta rede.

Mas, ali se coloca outra questão, visto que Lacan afirmará no *Seminário 25*: “eu não encontro, busco”, lembrando que encontrar vem da palavra latina *trope*, mais expressamente, “disso do qual eu falo sem cessar, dificuldades da retórica. A palavra que nas línguas romances designa “encontrar” (*trouver*)<sup>4</sup> (...) é bastante curioso que seja tomada na linguagem da retórica”. E isso vale porque os encontros no seio da falagem, não estão previstos nem programados, não obedecem ao fascismo da língua (Barthes).

Em todo caso, trata-se – como se pode ler na proposta do argumento apresentado - de uma situação que está a ponto de se desencadear, no entanto, aí aparece uma inibição da ação que levaria a que fosse um ato que não sobreveio. Ora bem, nesta relação que Lacan chama de *intermiradas*, de *intervisão*, de *interolho*<sup>5</sup>, dá em falar de que o sujeito se encontra ali, suspenso em uma relação especular ao pequeno outro.

Ora bem, como sabemos a partir de Freud, o trauma quebra as expectativas, a espera, a capacidade antecipatória egóica de um sujeito. Ou seja, neste sentido, por si só, é um efetivo, eficaz e benéfico atentado ao Imaginário. Foi Lacan, sem dúvida, quem revalorizou essa noção a partir do *Seminário 11*, enquanto dimensão do encontro, entendendo por tal, não aquele com hora marcada, mas aquele que acontece de forma imprevista. Dito de outra forma:

---

<sup>1</sup> Es la hora del lector que “retrofunda” aquello que está leyendo Cf. R.Harari, *Polifonías del arte en psicoanálisis*, del Serbal, Barcelona, 1996

<sup>2</sup> Cf. Gaston Bachelard: *La formación del espíritu científico*, Siglo Veintiuno editores, Buenos Aires, 1972

<sup>3</sup> Cf. Ilda Rodriguez, Nota de Lectura *Las psicosis en psicoanálisis... ¿periodizamos?*, *LaPsus Calami* 6, Letra Viva, Buenos Aires, 2017

<sup>4</sup> Vg. J.Lacan, *Seminario 7* clase 9, 27/1/61, *trouver, trobar, tropos*

<sup>5</sup> J.Lacan, *Seminario 13, El objeto en psicoanálisis*, clase del 11/5/66

ali o golpe de Real não é ainda –não é "encore"<sup>6</sup>– o acontecimento. É necessária uma passagem do impossível para o contingente que nos leva a propor uma saída da lógica fálica.

De novo, cabe verificar a superação do golpe de Real<sup>7</sup> para um ato de fundação subjetiva, que requer a perlaboração analisante - que aconteça mais de uma vez- para não ficar preso da mistificação de um real metafísico. Se não mediasse a circunstância imprescindível de tal passagem, tanto o acontecimento quanto a *inscriptura*<sup>8</sup> requerida para tal fim perdem seu efeito decisivo.

Para sustentar esta tessitura, é tarefa analítica elevar qualquer circunstância, aparentemente nímia, banal, para a expressão de algo elevado à dignidade de acontecimento e é em função do indecidível que se pode decidir. Decisões que são atos de fundação subjetiva.

Ora bem, do nosso ponto de vista psicanalítico, esta situação conduz para uma rasgadura do "mundo antigo" – o i-mundo - do analisando. Com efeito, aludimos a escutar ali, o gênio da língua que aceita ler tanto o estar dentro da imundícia quanto negar o mundo. Ou seja, o sintoma social ressalta o que não funciona no Real; assinala o lugar da quebra da tersa homogeneidade desse mundo que pode ser antecipado. Digamos de vez: este modo do golpe de Real é efetivamente i-mundo: faz mundo.<sup>9</sup>

Vamos retomar aquela pergunta de Lacan de 1967 para os psiquiatras<sup>10</sup> para avançar no debate: como vamos dar resposta, nós, os psicanalistas “à segregação colocada na ordem do dia por uma subversão sem precedentes?” Articulando-a com o sustentado na proposta de Roberto Harari para a fundação da *Convergência, Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana*, a partir do *Seminário 16, De um outro ao outro*, nas aulas de 11/12/68 e de 8/1/69.

“...Com efeito, localizamos ali (...) uma reflexão de Lacan -processada pouco depois da falha ilusão revoltosa do maio parisiense desse ano- acerca do lugar do *tu*, de acordo com sua *mise au point* final do grafo "completo" do desejo. Esta original introdução estipula o "estatuto do tu [enquanto] constituído por uma convergência, uma convergência que se faz a partir de toda enunciação enquanto tal". No se segue, esclarece que a enunciação gira depois ao se tornar demanda, "concernente ao tu e ao *je*". Em síntese, conclui, é no nível do desejo do Outro onde convergem os vetores de estrutura provenientes de A e de (S ♦ D). Então: *je* te demando o que *je* quero e, correlativamente, *je* me demando o que tu queres, colocando de soslaio tanto a genuflexão neurótica frente à demanda do Outro quanto a angústia, enquanto sensação do desejo do Outro. Nossa resposta, então: convergir, ali onde *je* e tu marcam a impossibilidade da relação sexual.”<sup>11</sup>

CEG, Paris, Coloquio 17/18 de junio de 2017

---

<sup>6</sup> Hay que escuchar la sonoridad de esta palabra en su idioma original

<sup>7</sup> El llamado aquí "golpe de Real" vía la periodización de la noción, podría decirse que es un modo de glosar lo que Lacan llama "*bouts de réel*", puntas, trozos de Real en el *Seminario 23*.

<sup>8</sup> R.Harari, traducción al castellano propuesta de la lectura del término de Barthes

<sup>9</sup> Roberto Harari, *Psicoanálisis in-mundo*, Kagieman Buenos Aires, 1994

<sup>10</sup> J.Lacan, *Pequeño discurso a los psiquiatras*, 1967

<sup>11</sup> Roberto Harari, *Propuesta para la Convergencia de Psicoanálisis*, (fundación) 26/6/95-6/1/97